

ALTERNATIVAS INCLUSIVAS NA PERCEPÇÃO DE LEITORES SURDOS E OUVINTES ATRAVÉS DAS LENDAS AMAZÔNICAS.

Erick Pantoja Vinente - Acadêmico em Licenciatura em Letras na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins.

Ivana da Silva Marcelo - Licenciada em Letras na Universidade do Estado do Amazonas do Centro de Estudos Superiores de Parintins (2021). Graduanda do curso de especialização em Educação Infantil Anos iniciais e Neuropsicopedagogia pela Faculdade Vale de Minas EDUCAVALES.

Francisca Keila de Freitas Amoedo - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Mestre do Programa de Pós-graduação de Educação e Ensino de Ciências na Amazônia (2017). Possui graduação em Pedagogia - UNIALSSELVE (2010) e graduação em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA (2005). Pós-graduada em: Psicopedagogia, Ed. Inclusiva e LIBRAS.

RESUMO

Este artigo apresenta proposições de trajetória educacional referentes ao ensino da língua portuguesa com o uso da Língua Brasileira de Sinais direcionado à construção de adaptações de lendas para as Libras, oportunizando o conhecimento para os estudantes e comunidade respectivamente, as observações e participações são relatadas conforme a atuação e orientação dos sujeitos envolvidos no projeto de extensão e com a experiência vivida no tempo de estágio. É importante comentar que as pesquisas são feitas a partir das dificuldades e do desenvolvimento educacional dos recintos a serem observados, além de pesquisa bibliográfica, que são essenciais para a possível construção de caminhos de ensino e aprendizagem no compromisso que vem a ser a educação de qualidade, além da importância essencial para a formação do acadêmico de Licenciatura em Letras. Desta maneira, a pesquisa enquadra e referencia Capovilla, F. & Raphael (2004), Falcão (2018), Strobel, L. K (2008.), Cosson(2006), Souza (2011), entre outros autores que ao longo da história buscam

formas de trabalhar o processo inclusivo de forma bilíngue onde surdos e ouvintes possam ter as mesmas oportunidades dentro do conhecimento teórico e prático, especialmente sobre a própria cultura amazônica que traz as lendas como forte conhecimento empírico dentro do contexto histórico cultural.

Palavras-Chave: Educação; Lendas Amazônicas; Letras; Libras; Literatura.

ABSTRACT

This article presents proposals of educational trajectory referring to the teaching of the Portuguese language with the use of the Brazilian Sign Language directed to the construction of adaptations of legends for the Libras, providing the knowledge for the students and community respectively, the observations and participations are reported according to the performance and orientation of the subjects involved in the extension project and with the experience lived during the internship time. It is important to comment that the research is based on the difficulties and educational development of the areas to be observed, in addition to bibliographic research, which are essential for the possible construction of teaching and learning paths in the commitment that comes to quality education, in addition to the essential importance for the education of the undergraduate academic in letters. In this way, the research frames and references CAPOVILLA, F. & RAPHAEL (2004), FALCÃO (2018), STROBEL, L. K (2008.), COSSON (2006), SOUZA (2011) among other authors who throughout the history look for ways to work the inclusive process in a bilingual way where deaf and listeners can have the same opportunities within theoretical and practical knowledge, especially about the very Amazonian culture that brings the legends as strong empirical knowledge within the cultural historical context.

Keywords: Education, Amazonian Legends, Letters, Libras, Literature.

INTRODUÇÃO

O artigo que apresentamos surge do projeto de extensão denominado “Lendas Amazônicas: da língua oral auditiva a línguas visual gestual”, partindo dessa temática entendemos que dentro de um contexto educacional que muito tem falado em inclusão e ainda tendo a universidade enquanto “espaço de formação” onde também vivenciamos esse processo podendo contar com acadêmicos surdos em formação participando do projeto, optamos pela temática considerando ser de essencial importância

para contribuir com a educação e conhecimento partindo da realidade descritas nas literaturas que envolvem as lendas amazônicas.

Elencamos ainda a importância de trabalhar com alternativas inclusivas na percepção de leitores surdos e ouvintes através das lendas amazônicas não apenas na Universidade, mas nas escolas principalmente nas aulas de língua portuguesa e literatura, sob as interações de professor/estudantes que buscam utilizar-se de lendas como uma aprendizagem que possa ser significativa tanto para os estudantes surdos como para os ouvintes, com intuito de adaptações para a Língua Brasileira de Sinais, sua organização e atuação se solidifica a partir de um projeto de extensão que propicia ações através de oficinas para escolas do município de Parintins direcionadas ao público de 6º ano do Ensino fundamental e 3º ano do Ensino médio.

Se constitui preocupação com interesse contínuo a leitura literária fixando nas lendas amazônicas, estas as quais são importantes no que concerne ao imaginário de um povo. As lendas amazônicas são o gênero escolhido porque chamam bastante atenção dos estudantes, aguçando sua interpretação de forma mais pessoal, a questão de adaptação das lendas necessita das opiniões dos estudantes ouvintes e não ouvintes, pois é a partir de suas colaborações que traremos sinais que podem se tornar diferenciados, a valorização de uso de linguagem de um grupo facilita a comunicação e enriquece a cultura da fala, e desta maneira propicia uma futura adaptação para a Língua Brasileira de Sinais, utilizando das aulas de Língua Portuguesa.

LITERATURA E LÍNGUA PORTUGUESA

Descrição: Sinal de Português.



Fonte: Ilustração Pantoja, 2020.

A imaginação é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo do estudante, em função do assunto faz com que sejam

formadores e criadores de novas histórias, interação com a realidade, e associação com o ensino-aprendizagem, nessas perspectivas que as oficinas objetivam ser trabalhadas, são usados mecanismos pelos quais elas interagem com pessoas de diversas faixas etárias, sejam elas adultos, jovens ou crianças, ainda é existente muitas barreiras que minimizam o espaço onde a Língua Brasileira de Sinais precisa ser ensinada e praticada nas escolas, mesmo atualmente com a inserção obrigatória na educação básica, é perceptível que a junção social como um todo é essencial e deve ser trabalhado por cada indivíduo, e desta maneira coloca-se o uso das aulas de LP (Língua Portuguesa) como uma prática mais constitutiva.

Esta inter-relação é ainda maior quando a comunicação depende de algum meio que envolva a sinalização, visto que, dessa forma, o conhecimento imagético é fundamental. Ao se constituir o projeto, é pensado em quais diferenças é relacionada na imaginação individual e como pode ser positivo no imaginário de um grupo, o trabalho do projeto é suplementado de formas variadas, com respeito a diferenças e diversidades encontradas no decorrer, além de introduzir materiais que possam complementar as atividades realizadas.

É por meio da sensação obtida por meio da visualização de imagens que o interesse pela história se constrói. Tal fato pode-se notar quanto às histórias em quadrinhos na qual as imagens falam por si só, e apesar de serem feitas para serem lidas em conjunto com as caixas de texto, são abandonadas pela criança durante a leitura imagética (FALCÃO, 2013, p. 12-13).

Ao fazer a introdução de lendas, propõe-se que os estudantes, a partir dessas histórias disponibilizadas nas dinâmicas das oficinas, salientem a força da imaginação e consequentemente expor como essas se dão no seu interior, as ilustrações formam um grande papel no desenvolvimento da leitura e até mesmo da escrita do educando, no caso do estudante surdo e do ouvinte. No entanto, o auxílio de um mediador é essencial para ampliar os horizontes de leitura da criança, pois para o entendimento de alguns enunciados, bem como em relação a algumas imagens descontextualizadas, a leitura prazerosa pode se tornar bastante labiríntica, esse papel se daria pelo acadêmico em formação, não somente traria benefícios para os estudantes, mas também para o professor. A trajetória educacional é pertinente conforme o trabalho contínuo dos educadores.

A isso estão aliados recursos diversos, como expressões faciais e corporais que se somam durante a contação de histórias, de modo que o campo visual transmita emoções. Neste meio, a participação dos acadêmicos bolsistas e voluntários se faz presente com grande importância, pois estimula e exerce uma ajuda que é valorizada e percebida através dos resultados nas oficinas. Esta relação mediadora cabe a esses integrantes não como uma substituição e sim como complemento formador de educação, contribuição fixa e intransferível, a atuação do professor é insubstituível e pertinente para o sucesso do aprendizado. É a primeira iniciativa, o professor alia-se a um bem social e educacional, a prática de apresentar a história ao estudante é um ato excepcional e indispensável.

Para tornar-se um bom contador, Xisto (2001, p. 23) revela que o segredo é [...] ler muito; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida em cada coisa. E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer”. O mediador está relacionado diretamente com aquilo que busca interno e externamente, e nesse caminho há o aperfeiçoamento que se dá através da educação continuada e da dedicação em se tornar um mediador, professor, apropriado para seu público.

Ao propor as escolas mais espaços de exposição, se propõe a reflexão a partir das lendas, como, por exemplo, o espaço que se constrói intangivelmente e a promoção de liberdade em expressão através da opinião perceptiva do estudante que representa com propriedade o que na sala de aula tradicional não se coloca. Uma outra exemplificação seria a utilidade para sala de aula de oficinas ligadas a música que se unifica mais ainda do que é, e o que representa a expressão da literatura, como ela se demonstra, e de que forma ela se faz presente em toda manifestação de sentidos.

Quando se direciona o projeto para as escolas no município de Parintins-Am, se salienta que este é um lugar de construção que de fato tem produções artísticas utilizáveis como as toadas, que são relacionadas a cultura e a lendas amazônicas que devem ser valorizadas e partir da ajuda de interpretação delas para o ouvinte e não ouvinte, que oportuniza o conhecimento envolvente do cenário de adaptações para as Libras.

O conteúdo cultural que a toada transmite para o ouvinte é de totalidade extensiva que o estudante surdo precisa ter contato também, como não seria amplo a imaginação do estudante não ouvinte, se ele pudesse ter contato com adaptações frequentes das toadas produzidas no

município. É importante pensar que cada ato envolvido sob a perspectiva de educação é bem-vindo no que visa o ensino-aprendizagem. Pode ser um desafio complexo, mas não impossível, a atuação da educação é e sempre será um desafio que será trabalhado com muita propriedade para a qualidade de ensino nas escolas.

O ato de contar histórias para os estudantes é muito presente nas oficinas do projeto, pois, contribui para o desenvolvimento da linguagem, bem como para o seu lado emocional, esse ato fixa a atenção elevando a qualidade das atividades. Para isso, o estudante precisa também participar de maneira interativa. Decorrente disso, a importância de uma postura em que os participantes e o contador da história interajam é extremamente essencial. Com a observação nas escolas, é possível captar que há uma certa exclusão do estudante surdo em determinadas atividades, a falta de intérprete, e de professores que não tem o domínio das Libras são algumas das dificuldades que se pontua, desta maneira ou o indivíduo em sala de aula é excluído ou ele se autoexclui.

É importante ressaltar que quando se pensa na criação das oficinas se atem ao cuidado de exemplificar um modo que tanto professor quanto outros envolvidos no processo de construção de criação e contribuição não sigam o ato mecânico de apenas oferecer as lendas com a esperança de que, fantasticamente, a criança comece a entender de maneira literal.

“De uma outra forma, poderíamos dizer que as histórias lendárias são atemporais, o que elas contam pode acontecer em qualquer lugar com qualquer um, aqui e agora, o que torna possível à criança se identificar e relacioná-las à realidade. Também as personagens existentes nessas histórias são representações efetuadas pelo homem, por milênios, e que representam seus sentimentos mais profundos. As personagens lendárias possuem características comuns nas crianças.” (SOUZA, 2011, p. 23).

Com o passar do tempo, a preocupação de formulações conforme as necessidades dos estudantes de um ensino básico de qualidade no Brasil, focam para a facilitação nas escolas de uma educação mais social e de introdução das facilitações educacionais contextualizadas, isso quer dizer que é necessário utilizar do ensino conforme o que dita o social de cada indivíduo, a literatura nesse âmbito deve ser cada vez mais valorizada e envolvida em sala de aula. De tal maneira, os educadores precisam facilitar

o uso da literatura no ensino de língua portuguesa, suas abordagens fariam e fazem com que o estudante tenha liberdade em se comunicar e expressar sentimentos que normalmente não se encaixam, ou não são encaixados em outras disciplinas, pensamento retrógrado ainda muito utilizado nas escolas.

O costume do ensino tradicional em decorrência do estudo de decorar é ultrapassado e este precisa ser reformulado a partir do que realmente se dita nos dias de hoje, instigado como essencial a construção de uma sociedade mais humana. Ao propor a nova educação básica, os objetivos e metas precisam ser pautadas inclusive nas relações de sentimentalismo, dar importância ao subjetivo, pois assim abre caminhos para clarear e trazer à tona muito dos problemas que norteiam o ensino e aprendizagem.

No uso do texto nas oficinas, enquanto o contador da lenda narra e interpreta através da fala e da Libras, os estudantes que ouvem e veem realizam uma leitura pessoal, e nessa relação é que está a busca da integração entre leitores para se evitar um leitor isolado, indiferente ao seu mundo exterior ainda que a narrativa seja a mais surreal e imaginativa.

De tal maneira, trata-se até de precisar explicitarmos que o aumento de carga horária em Libras nas universidades é de essencial importância para que os professores possam entrar nas escolas mais bem preparados, exatamente para lecionar em conjunto com crianças surdas em seu quadro de estudantes, a necessidade de adequação ainda se faz muito presente e os professores necessitam se reconstruir e até mesmo se reeducar. Porque é justamente a leitura que estimula a reprodução da arte no mundo real através de diferentes manifestações como o teatro, dança, música, nas quais o corpo é o objeto da expressão de uma leitura mais pessoal.

Com essas percepções isoladas que a interação é muito mais social, pois se o estudante a expõe, estimula o próximo fazendo assim uma cadeia participativa dos indivíduos nas oficinas. Porém, as estratégias devem ser colocadas e praticadas de forma que tenham após as leituras em atividades resultados obtidos, como, por exemplo, a interpretação e a exposição dela. Segundo Giroto e Souza, “[...] o professor precisa ainda retomar o processo de leitura a fim de verificar o quê, para quê, como e em que momento os alunos utilizaram a referida estratégia de leitura” (2010, p. 63).

É sobre essa constituição com a língua comunicativa, de exercício essencial que a literatura deve ser trabalhada, oportunizando à aprendizagem e elevando a qualidade do ensino a um nível altíssimo. Com a

perspectiva e atuação diferenciada do professor o trabalho precisa ser feito com mais dinamicidade o que se constitui como essa nova realidade da língua portuguesa. Mas como fazer isso se a maioria dos professores que lecionam estão customizados a um tipo de ensino básico monótono que é repassado de geração para geração e ainda é muito presente nas escolas.

Um dos objetivos da disciplina de Língua Moderna é que os envolvidos no processo pedagógico façam uso da língua que estão aprendendo em situações significativas, relevantes, isto é, que não se limitem ao exercício de uma mera prática de formas linguísticas descontextualizadas (DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2008, p. 57). Ou seja,

porque não fazer a prática da língua moderna, a Libras se encaixa perfeitamente nessa amplitude de modernidade e essencialmente de necessidade, com todos os seus parâmetros e características, necessita ser posta no ensino básico com frequência por todos os envolvidos. Acredita-se que para o estudante se ater de valores educacionais e de linguagem de forma sólida, os professores de Língua Portuguesa, e bem como de qualquer outra disciplina, precisam adequar o ensino.

No Brasil, há muito tempo já não se deve mais fixar-se somente na prática da gramática, pois a educação vai muito além do que regras gramaticais.

“Os métodos mais usados hoje nas escolas brasileiras são: o gramatical estrutural (com diálogos, explicações de estruturas e itens de vocabulário e muita prática de padrões de estrutura da língua aprendida) e o gramatical audiolingual atenuado de repetições mecânicas. Nesse último termo há grandes características da outra grande abordagem, a comunicativa, essa mais desejada do que implementada de fato.” (ALMEIDA FILHO, 2008).

E é nessa última que a literatura introduzida nas escolas deve se mostrar preocupada, o que na realidade normalmente não ocorre, a relação com os clássicos de exigência disciplinar de obras canônicas é o que ainda se observa com mais frequência, no entanto o projeto vem exatamente com o objetivo de elevar o conhecimento de uma literatura mais regional, focada no comprometimento da formação de imaginação, oportunizado pelo contato com as lendas amazônicas, a ponto que alcance o incita em toda realidade em conjunto com a surrealidade, é nesse seguimento de não exclusividade que as escolas devem ter o cuidado de não cair na estrutura da LP tradicionalista, e é este cuidado que o projeto trabalha para levar o sentido real de literatura e do uso da Língua Brasileira de Sinais como fator prático do gênero em questão.

“A escola é lugar onde se aprende a ler e escrever, conhecesse a literatura e desenvolve o gosto de ler. Ou estes objetivos não se concretizam, ocasionando dificuldades que rapidamente se refletem na área cultural, mas que precisam ser sanadas com a ajuda da educação”. (Zilberman, 1988, p. 10).

É neste pensamento preocupado de que a educação obstinada a ser o melhor caminho para a construção do indivíduo, salienta-se que o letramento literário contribui solidamente para a formação de identidade leitora e construtora de indivíduos com valores e de uma escola com melhores condições para o uso de mecanismos constituintes de estudantes e professores preocupados com a educação de qualidade, pois a partir dela que há um processo mais bem preparado para que esteja ligado com a reflexão e com a formação de indivíduos pensantes e contribuintes de valores transferíveis. A literatura é muito mais do que um campo para crítica e reflexão, é um cenário de infindáveis relações com o próprio eu e após para com o outro.

A IMPORTÂNCIA DA IDENTIDADE LEITORA NA LÍNGUA PORTUGUESA

É evidente que para ser falado de formação de identidade leitora primeiramente deve haver um conceito sólido sobre o que é leitura já que possui grande profundidade, logo não pode de forma alguma ser limitada a uma mera decodificação da linguagem escrita. Segundo Orlandi (1996), a leitura possui variadas significações, dentre elas atividade aprendida durante a alfabetização, construção de aparato teórico e metodológico e atribuição de sentidos.

No primeiro caso, surge a atividade aprendida durante a alfabetização, ou seja, a leitura da escrita que é a mais conhecida, é proposto também o conceito de leitura como construção de aparato teórico e metodológico e atribuição de sentido, esse se refere a leitura acadêmica, onde após consultar teóricos para a compreensão dos assuntos propostos, têm-se então autonomia para dizer que possui leitura.

Enfim, a última concepção que é proposta pelo autor sobre leitura, é atribuição de sentido, nela o indivíduo lê ao atribuir significado a um livro, objeto, pessoa, sons ou qualquer outra coisa que possa ser encontrada no meio em que vive. Lajolo (1988, p. 59) afirma que:

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista”. (1988)

Sido estabelecido a leitura como a atribuição de sentido, há a necessidade de esclarecer a questão do importante papel da literatura na construção da identidade leitora e cabe à literatura [...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17), ou seja, somente pode ocorrer de forma eficaz através do contato com o textoliterário, pois é através dele que o gosto pela leitura irá ser despertado fazendo então o sujeito adquirir uma prática leitora. Para facilitar o acesso a essa prática, surge então as propostas de atividades e oficinas que despertem os sentidos e a curiosidade, e disseminam os benefícios dela, onde favoreçam a inclusão de toda a comunidade. Cabe ao professor, desta maneira, criar mecanismos diversos ao pensar no estudante não ouvinte através do uso das Libras, do uso de imagens, gestos, movimentos, expressões e todo aparato que possa ser utilizado para a promoção do aprendizado.

“Formar leitores é um compromisso da família e da escola. Também deve fazer parte dos interesses de toda a comunidade, pois uma sociedade não letrada, ou mesmo formada por leitores funcionais, está fadada à condição de miséria e indignidade” (CAVALCANTI, 2002, p. 2). Tendo em vista o importante papel da escola e da comunidade na formação do leitor, a primeira edição do projeto propõe às escolas um conjunto de oficinas de incentivo à leitura de lendas e consequentemente a adaptação para as Libras. De acordo com Parra (1972), planejar consiste em prever e decidir sobre: o que pretendemos realizar; o que vamos fazer; como vamos fazer e o que e como devemos analisar a situação a fim de verificar se o que pretendemos foi atingido.

PROPOSTA PARA OFICINAS

A primeira edição do projeto foi focada em levar a leitura para as escolas situadas no município de Parintins, e teve início com os estudos bibliográficos que abarcavam as libras e a língua portuguesa com o foco nas lendas amazônicas. Num primeiro momento, o conhecimento sobre o assunto por parte do bolsista é de inteira essencialidade, pois na universidade, o contato com a língua brasileira ainda se limita. Amoedo (2018) diz que determinações constitucionais promovem organização especial de currículos, desenvolvimento de métodos, técnicas e recursos fundamentais para educação, além de professores especializados e capacitados. Especificamente para o caso de alunos surdos é necessário promover ações educacionais para ter a língua de Sinais como primeira língua. As criações de mecanismos adequados são imprescindíveis ao tentar criar essa promoção e inseri-las no ensino. Consequentemente essa formação tão essencial é trabalhosa e de todo modo especial, no que concerne os resultados obtidos de forma clara e positiva.

Segundo Filho (1998, p. 140), “livro é a forma mais rica de se obter conhecimento, com um poder incomparável de penetração e irradiação”. Mas não se pode apenas levar o livro e deixar por conta do estudante, principalmente no hoje tecnológico. As complexidades aumentam quando essa relação se insere num contexto educacional do estudante surdo, e novamente salienta o excepcional uso da ferramenta de mediação, nesse processo volta-se a citar que o papel do professor/orientador, professor/mediador é essencial no que se condiz o uso do texto, com objetivo do projeto ao facilitar o acesso e repassar o valor presente na leitura através do uso das lendas.

“(...) A propósito, é retificado que todo processo de interação humana que faculta a troca de conhecimento é possibilitado pela matéria imanente chamada texto. É do confronto do leitor com o texto que surgem significados e assim se faz uma leitura crítica, reflexiva e compreensiva que extrapola a mera decifração do signo linguístico. Nessa conjuntura de expansão do ato de ler com qualidade, tem-se na literatura um recurso que pode contribuir consideravelmente na formação de leitores na medida em que não serve apenas como instrumento de distração, mas é capaz de apresentar elementos culturais como também uma visão crítica da

realidade social que são necessárias para que o leitor aprimore sua visão de mundo”. (COSTA, 2018).

Além da troca de experiências do estudo para com o projeto através das oficinas e atividades elaboradas anteriormente, aborda-se questões sociais, através das lendas que se transmite no interior do imaginário, transformado em valorização cultural, estimulação da imaginação, e a volta da prática de contação de histórias que atravessa fronteiras que não se pode perder no tempo, além do incentivo à arte e dela propriamente dita, aqui se faz a deixa que tudo o que envolve a questão do sentimento, como a literatura, é arte. Todos esses elementos em conjunto são de fundamental importância para a construção da identidade leitora, pois são oferecidos subsídios para que o sujeito possa mergulhar no universo literário.

As atividades foram minuciosamente planejadas em etapas, planejamento inicial, construção de oficinas e execução, esta última a qual será concluída no decorrer das próximas edições. O primeiro segmento ocorreu com bastante estrutura de pesquisa, para em seguida, ser criada os passos nas oficinas.

As oficinas contam com dinâmicas de jogos com perguntas e respostas e uso de trilha como num jogo de tabuleiro, além de apresentação das lendas, nesse passo são disponíveis uma variação, exatamente para que os estudantes tenham liberdade sobre qual texto será trabalhado, com a observação do professor sobre seu público se cria as possíveis relações entre estudante/mediador, relação essencial para o sucesso e alcance dos objetivos, as contações de histórias são as ações mais frequentes nas práticas de oficinas, as formações de rodas de conversas e atividades didáticas todas focadas em contribuir na construção da identidade leitora.

No projeto, há presença de um acadêmico surdo que faz com que a relação com os acadêmicos ouvintes se crie de forma menos dificultosa, quando se tem a prática das Libras dentro de sala de aula as relações são mais bem-criadas e o ensino se torna menos labiríntico.

Descrição - em ritmo de toada



Fonte - Ilustração Pantoja, 2020.

O uso das lendas possibilita, como já visto, o uso da música em ritmo de toada como já foi citado, essas formações possibilitam uma construção imaginativa mais ampla para os estudantes ouvintes, para os não ouvintes as interpretações fariam presentes exatamente através de interpretações feitas pelos professores/mediadores, com o uso das Libras, vídeos, desenhos, ferramentas que contribuam para o conhecimento e a contação da lenda.

Descrição - Sinal e imagem do boto



Fonte - Ilustração Pantoja, 2020.

Descrição - Sinal e imagem da Vitória-régia



Em um mundo onde as redes sociais, internet e a televisão monopolizam a atenção do cidadão, fica cada vez mais difícil levar a leitura para a comunidade em geral, por isso faz-se necessário a existência de projetos como este que possuam práticas de incentivo, pais incentivadores e escolas que estejam dispostas a permitir que o ato de ler se estenda para além da obrigação gramatical e das notas boas no boletim, o essencial também é termos alunos críticos-reflexivos.

Todas as atividades planejadas fazem e farão parte de outras edições do projeto e terão sucesso e continuidade, é essencial a manutenção de projetos como este, pois o projeto oferece ferramentas que permitem ao indivíduo construir sua própria identidade leitora nas aulas de Língua Portuguesa e assim ajudar outros que se encontram nesse processo de construção. Contudo, o sucesso do trabalho ultrapassa as perspectivas, alcançando resultados cada vez mais positivos contribuindo com sucesso do trabalho e contribuindo com a formação e adequação do acadêmico de Licenciatura em Letras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a necessidade de projetos educacionais que dinamizem o ensino é necessária no que tange a inclusão, adequação de espaços educacionais no que dita a educação básica de qualidade. É essencial pensar as formações educacionais a partir de toda e qualquer dificuldade de aprendizagem e exemplificar que o letramento literário é base da construção de estudantes pensadores e críticos. Ao trabalhar essa contextualização, oportuniza as aulas saírem do monótono da gramática, e do conjunto de regras e entra num cenário mais bem preocupado com a formação crítico-reflexiva do indivíduo. No mais, seu ensino na educação básica precisa ser aprimorado e distribuído aos estudantes de forma que se torne um aprendizado prazeroso e valorizado, contribuindo para uma educação básica de qualidade.

Os resultados são excepcionalmente de suma importância para formalizar e obter ideias sobre as experiências futuras na escola. Este trajeto oficializa e oportuniza o quanto as escolas precisam abrir espaços nos seus planos pedagógicos para reformulação aonde de fato incluam oficinas com objetivos de não apenas incentivar a leitura, mas a prática da Libras e o

letramento literário, onde seus estudantes participem, de fato, para que possibilitem a leitura e letramento de forma mais prática e simplificada para a obtenção de melhores resultados.

A necessidade de compreensão da leitura leva a propor um projeto que ajuda as pessoas a ler, interpretar e contar histórias, abrangendo tanto o campo educacional com a Língua Portuguesa, Literatura e a Língua Brasileira de Sinais, inserindo a cultura a fim de incentivar o interesse pela literatura. Nessa proposta, o público desenvolve suas próprias construções, como formadores de suas ideias e suas histórias, as oficinas propõem que a percepção do estudante se dê de forma livre através de toda e qualquer expressão.

O projeto busca espaços de contagens de lendas amazônicas, e criação de ambientes que farão bons relatos, configurações de ideias e de aprendizado que resultem em produtos nas oficinas, de tal modo podem ser utilizadas com outros gêneros. Ou seja, a partir da leitura o público pode sentir, imaginar e demonstrar os processos de apropriação e construção da realidade, através da concretização em objetos e chegar a conclusões sobre literatura e a Língua Brasileira de Sinais, entre muitas experiências e proporcionando imagem ao conhecimento. Na escola, a leitura, o contato direto com o texto literário além de possibilitar a criação de hábitos, também permite ler melhor, ao fornecer instrumentos necessários para interpretar o mundo construído pela linguagem. Em decorrência ao uso da Língua portuguesa como ciência de fato é colocado em toda prática educacional que precisa ser constantemente valorizada, se faz presente em todos os lugares e em várias formas de tal maneira que amplie o ensino, a educação de qualidade, e o caminho para uma sociedade adequada e democrática e com equidade para todos.

REFERÊNCIAS

AMOEDO, Francisca Keia de Freitas. **Apostila da Disciplina: Língua Brasileira e Sinais**. Parintins: Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas, 2018.

BORTOLIN, S. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. 2010. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília,

2010. Disponível em:
<https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_do_mar.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

BRASIL. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 2020-04-20

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação**. São Paulo: Paulus, 2002.

FALCÃO, L. A. **A Formação de Contadores de Histórias. Infantis em Libras: ensaios pedagógicos. Guia Teórico-Prático**. Disponível em:
<visaoinclusiva.com.br/wp-content/uploads/2013/11/CDH.pdf . Acesso em: 06 de janeiro de 2018.

FARIAS FILHO, L.M.de.(Org.). **Modos de ler- formas de escrever**: estudo de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1988.

GIROTTI, Cyntia; SOUZA, Renata. **Estratégias de leitura**: para ensinar alunos a compreenderem o que leem. In: SOUZA, Renata (org.). **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1933.
ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. 3ª ed. Campinas: Cortez, 1996.

PARRA, Nelson. **Planejamento de currículo**. Revista Nova Escola. Nº 5. 1972.

SOUZA Anervina. **As lendas Amazônicas em Sala de Aula**: apropriação da cultura formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. Manaus: Editora Valer, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo. Contexto. 1998.